

DE MEIOS QUE SE TORNAM FINS. O CONCEITO DE FETICHISMO NA OBRA DE THEODOR W. ADORNO

Amaro de Oliveira Fleck

Universidade Federal de Lavras

Resumo: O conceito de fetichismo aparece na obra de dois autores cuja influência sobre a teoria de Theodor W. Adorno é inestimável: Karl Marx e Sigmund Freud. O conceito, porém, tem dois significados muito distintos na obra destes pensadores, e isto impele ao questionamento sobre se o conceito de fetichismo é usado por Adorno na acepção do primeiro ou do segundo. Neste artigo, defendo que Adorno retoma e mescla elementos da concepção marxiana e da freudiana, de modo que seria equívoco reduzir ou equiparar seu uso do termo fetichismo àqueles feitos anteriormente pelos dois teóricos supramencionados. Na verdade, a combinação não resulta em uma espécie de meio termo, mas, pelo contrário, em um terceiro significado, o qual denota, sobretudo, o processo pelo qual algo que seria mero meio se torna, ele mesmo, em um fim. Com esta acepção, tal conceito se mostra de crucial importância em todo aparato crítico do filósofo frankfurtiano, seja na crítica à racionalidade que se satisfaz com a identificação, seja ainda na crítica da produção pela produção.

Palavras-chave: Fetichismo, Theodor W. Adorno, Teoria crítica, Karl Marx, Sigmund Freud.

Abstract: The concept of fetishism appears in the work of two authors whose influence in the Theodor W. Adorno's theory is inestimable: Karl Marx and Sigmund Freud. This concept has two meanings very different in the work of these thinkers, and this impels for the question about the usage of the concept of fetishism for Adorno, mainly if he adopts the definition of Freud or Marx. In this paper, I argue that Adorno repossess and join elements of the Marxian and Freudian conceptions, and for this would be a mistake reduce or equate your use of the term fetishism with the precedent use of the two authors recently evoked. Indeed, the combination doesn't result in a specie of medium, but, on the contrary, in a third meaning that denotes the process whereby something that would be a simple mean is become in a end. With this meaning, such concept is of crucial importance for the critical apparatus of the

Frankfurtian philosopher both in the critique to rationality satisfied with the identification, and in the critique of production for production's sake.

Keywords: Fetishism, Theodor W. Adorno, Critical theory, Karl Marx, Sigmund Freud.

Não é claro o significado do conceito de fetichismo na obra de Theodor W. Adorno. A dificuldade se torna ainda maior ao se levar em conta que o conceito está presente em momentos-chave da obra de dois autores que muito (senão mesmo que mais) o influenciaram: Karl Marx e Sigmund Freud, e com sentidos bastante distintos. Teria Adorno adotado a acepção do termo utilizado na obra de algum dos dois? Teria ele tentado uma mescla, buscado um meio termo, capaz de conciliar os dois significados? Ou, antes, suas investigações teriam feito com que adotasse ainda um terceiro sentido, não redutível nem equiparável ao uso do termo nos pensadores supramencionados?

Eis as questões que tento responder no presente artigo, ao mesmo tempo em que também ensaio a defesa da tese de que tal conceito não pode ser visto como secundário em sua teoria. Muito pelo contrário, argumento que o mesmo se encontra no próprio cerne do aparato crítico com o qual ele diagnostica a modernidade e os males que a assombram. Mas a dupla tarefa (dizer em que consiste o conceito de fetichismo e mostrar a função que tal conceito desempenha em sua teoria) ficaria incompleta se a ela ainda não se acrescentasse uma terceira: é preciso também questionar se o uso do termo é unívoco em sua obra ou se, ao contrário, é polissêmico. Se o caso for o segundo, acrescenta-se ainda a tarefa extra de investigar se a polissemia se dá concomitantemente ou se é, em vez disso, diacrônica.

Para tanto, o percurso a ser percorrido na presente análise consiste em: na primeira seção, apresentar uma muito breve genealogia do conceito de fetichismo e uma exposição (esquemática, para não dizer mesmo superficial) de seu uso nas teorias de Marx e de Freud; na segunda, analisar as aparições do termo no ensaio de 1938, “Sobre o caráter fetichista da música e a regressão da audição”, ensaio no qual, como argumentarei, o conceito tem um significado distinto ao uso que será adotado posteriormente; na terceira, e final, investigar algumas das vezes em que Adorno usa tal conceito em obras posteriores, em especial na *Minima moralia*, na *Dialética negativa* e na *Teoria estética*.

I. Genealogia do fetichismo; Marx e Freud.

Conta-nos Alfonso Iacono que o conceito de fetichismo aparece na literatura em meados do século XVIII, mais precisamente, em 1756, em um ensaio de Charles de Brosses. Tal conceito surge no contexto de uma tentativa de desvendar o suposto progresso das crenças religiosas, no qual a crença em objetos materiais divinizados, a crença fetichista por excelência, é o estágio mais rudimentar do fenômeno religioso. Este estágio será substituído, aos poucos, pelo politeísmo e, posteriormente, pelo monoteísmo, percorrendo assim um caminho de paulatina abstração do objeto venerado. Isto é, haveria, segundo de Brosses, um progresso linear que vai dos negros africanos adoradores de fetiches até os civilizados europeus que saberiam que as divindades não se imiscuem em assuntos corriqueiros (Cf. IACONO, 1992).

Se fetichismo é um conceito cunhado sob medida para designar o outro, o não civilizado, só pode ser revolucionário o seu uso reflexivo, o uso deste termo para descrever não a mentalidade dos “negros africanos”, mas sim dos “esclarecidos europeus”. Em contextos totalmente diferentes, este uso reflexivo do conceito se dá tanto na obra de Karl Marx quanto na de Sigmund Freud³⁹.

1. Fetichismo na obra de Marx

O conceito de fetichismo aparece sobretudo na obra tardia de Marx, a qual é dedicada à análise do modo capitalista de produção. Em *O Capital* (1867), Marx se refere a três entidades como sendo fetichistas: a mercadoria, o dinheiro e o capital⁴⁰. O que têm elas em comum? O fato de serem, ao mesmo tempo, algo sensível e suprassensível, físico e metafísico, ou, mais precisamente, serem coisas que servem de suporte para o valor.

Marx diferencia a mercadoria do produto em geral pelo fato de que ela é fabricada de antemão para ser trocada. Assim, enquanto o produto é feito diretamente para ser usado, o uso da mercadoria é sempre mediado

³⁹ “Entre todos os pensadores que discutiram o conceito de fetichismo, Marx e Freud se distinguem por modificar o contexto no qual o conceito nasceu e se desenvolveu. (...) A mudança operada por Marx e Freud consiste justamente em que o conceito de fetichismo é aplicado à análise de fenômenos (a mercadoria, a perversão sexual) próprios da sociedade a qual eles mesmos pertencem e da qual eles são observadores internos” (IACONO, 1992, p. 74).

⁴⁰ Cf. MARX, 1996, em especial a seção 4 do primeiro capítulo “O Caráter fetichista da mercadoria e seu segredo”, e MARX, 1988, capítulo 24 e 48.

pelo ato da aquisição, da troca. Se o produto nada mais é do que seu valor de uso, a mercadoria tem uma natureza dupla: ela é, ao mesmo tempo, um valor de uso e um valor de troca. Um valor de uso porque ela precisa ser desejada, e para tanto deve satisfazer a uma necessidade, seja do estômago ou da fantasia; um valor de troca porque ela precisa ser equiparada a uma determinada quantidade de valor, o qual pode aparecer incorporado no dinheiro ou em outra mercadoria.

O valor consiste na média socialmente necessária de tempo de trabalho abstrato despendido para a fabricação da mercadoria em questão. Isto é, o tempo de trabalho que foi gasto para produzi-la, mas do trabalho reduzido ao mero dispêndio de energia física, desprovido de qualquer qualidade ou determinação, e não o trabalho deste ou daquele produtor individual, mas sim da média de tempo gasto em determinada sociedade com determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas para fabricá-la.

No entanto, para Marx, embora as trocas mercantis ocorram em abundância nas sociedades capitalistas, elas só são possíveis por certa mistificação: para se poder equiparar coisas absolutamente distintas como duas mercadorias, ou uma mercadoria e a quantia de dinheiro que equivale a ela, é preciso dotar tais objetos com este valor, este tempo que já foi gasto. Assim, as mercadorias são vistas ao mesmo tempo como o resultado final, a mercadoria produzida, e como o processo que levou a tal resultado, o tempo de trabalho despendido na produção, como se este segundo não tivesse desaparecido no primeiro. Não se trata apenas de uma ilusão da consciência: se os homens não dotassem seus produtos com este elemento sobrenatural, o valor, eles não poderiam intercambiar as suas mercadorias como se fossem equivalentes.

A consequência do fetichismo é de imensa importância na análise de Marx. Em primeiro lugar, ele faz com que a realidade se torne opaca, não transparente, de tal modo que as pessoas atuam em uma situação da qual não possuem consciência. Há assim, nas sociedades mercantis, um contexto de ofuscamento geral. Em segundo lugar, o fetichismo, que é de certa forma inerte enquanto subjacente apenas à mercadoria ou ao dinheiro, se torna dinâmico com a aparição do capital. Isto é, com o capital surge a necessidade de contínuo crescimento econômico, da produção que visa o lucro, de tal modo que em sua atuação cega os homens se tornam meras engrenagens de um mecanismo que eles não controlam, que só visa seu próprio crescimento e perpetuação.

Por conseguinte, o conceito de fetichismo está vinculado, na obra de Marx, à ideia de transubstanciação: o trabalho passado se cristaliza na

mercadoria, no dinheiro e no capital (do mesmo modo como, para o católico, o corpo de cristo se cristaliza no pão ázimo no momento da consagração). Os objetos fetiche se diferenciam dos demais por serem ao mesmo tempo partícipes do mundo das coisas físicas, sensíveis, e das coisas metafísicas, suprassensíveis. O totem é ao mesmo tempo um objeto físico e a encarnação da divindade; a mercadoria, por sua vez, concomitantemente um produto com uma utilidade específica e a encarnação do valor⁴¹.

Destarte, Marx adota o termo fetichismo no mesmo sentido em que este era usado por de Brosses, isto é, no sentido de uma existência dupla de um objeto, embora, no caso de Marx, este não seja venerado. O conceito de fetichismo também abarca dois sentidos derivados ou estendidos, a saber, a objetivação das relações sociais (o fato do valor, uma relação social oriunda da comparação dos produtos do trabalho, cristalizar-se como se fosse uma propriedade intrínseca da mercadoria) e a naturalização da situação existente (o fato de a ordem histórica presente aparecer como se fosse a ordem natural das coisas e, portanto, como se fosse tanto legítima quanto imutável).

2. Fetichismo na obra de Freud

O contexto em que o termo fetichismo aparece na obra freudiana é, para dizer o mínimo, inteiramente diverso do contexto da obra marxiana. Se Marx usa o conceito de fetichismo para designar a existência dupla dos objetos que portam valor (a mercadoria, o dinheiro e o capital) e, por extensão, a naturalização das condições sociais ou a objetivação das relações intersubjetivas, Freud recorre ao mesmo termo para descrever uma patologia oriunda do desenvolvimento sexual que ocorre na primeira infância, mais precisamente, no momento em que a criança constata a diferença anatômica entre os sexos e, por conseguinte, precisa lidar com o complexo de castração. Cabe analisar isto mais de perto.

Como é bem sabido, Freud dá grande atenção ao desenvolvimento sexual que ocorre ainda nos primeiros anos de vida da criança, e boa parte de sua obra gira em torno de problemas que surgem neste período, como a questão do complexo de Édipo e do complexo de castração. Enquanto o complexo de Édipo é caracterizado pelo desejo incestuoso, mais precisamente, do filho ou da filha em relação ao progenitor do sexo oposto e pela hostilidade pelo progenitor de mesmo sexo (desejo e hostilidade que podem, no entanto, aparecer de forma invertida e mesclada); o complexo de

⁴¹ Sobre o conceito de fetichismo em Marx, cf. ARTOUS, 2006; FLECK, 2012; JAPPE, 2014.

castração é o sentimento inconsciente de ameaça de castração que costuma dar fim ou reprimir o desejo incestuoso.

O complexo de castração surge precisamente da constatação da diferença anatômica entre os sexos, em especial pela constatação por parte do menino da ausência do pênis nas mulheres. No pequeno ensaio de 1927, “Fetichismo”⁴², Freud observa que provavelmente todas as pessoas do sexo masculino experimentaram a sensação de terror à castração ao verem os genitais femininos. De acordo com o psicanalista austríaco, tal acontecimento, tal impressão, pode fazer com que o menino se torne homossexual ou fetichista caso não seja bem superado⁴³. No caso do fetichista, que é o que aqui interessa, esta ausência será suprida por uma outra parte do corpo humano ou por um objeto, o qual deve substituir o pênis faltante.

Em todo caso, o fetichista é caracterizado, por um lado, pela projeção fantasmática desmedida, e, por conseguinte, pela resistência ao princípio da realidade, de modo que ele prefere se apegar a suas próprias projeções do que experienciar o outro em sua estranheza; por outro, e de certa forma em complemento a isto, pela conservação do mecanismo da renegação ou desmentido [*Verleugnung*], de modo que, tal como uma criança, ele possa adotar concomitantemente duas realidades mutuamente contraditórias, neste caso, a recusa e o reconhecimento da ausência do pênis na mulher (o que gera discursos do tipo: “eu sei que a mulher não possui pênis, mas mesmo assim...”⁴⁴).

⁴² Freud desenvolve sua teoria sobre o fetichismo principalmente em dois textos: “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, publicado em 1905, e o ensaio “Fetichismo”, publicado em 1927. Sobre o conceito de fetichismo em Freud vale a pena conferir o verbete dedicado ao assunto no *Dicionário de Psicanálise* de autoria de Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 235-8), assim como o livro de Vladimir Safatle, *Fetichismo: colonizar o outro* (SAFATLE, 2010).

⁴³ Esta tese (do homossexualismo masculino como superação incompleta do complexo de castração) é, de certa forma, estranha ou incoerente em relação ao restante da obra freudiana. De acordo com o fundador da psicanálise, todas as pessoas seriam, ao menos a princípio, bissexuais, e durante o desenvolvimento sexual elas tenderiam a privilegiar um ou outro sexo. Ademais, Freud sempre insiste na afirmação de que o homossexualismo não é uma patologia (Cf. ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 350-5).

⁴⁴ O que, por sua vez, abre espaço para se pensar em aproximações com o conceito marxiano de fetichismo, visto que para Marx as pessoas, ao intercambiarem mercadorias, não sabem o que fazem, mas mesmo assim o fazem. Para tal aproximação, cf. SAFATLE, 2010, p. 93-132 e ŽIŽEK, 1996.

II. O conceito confuso: entre Marx e Freud

O conceito de fetichismo aparece ao longo de toda a obra de Adorno, isto é, desde seus primeiros (vide a monografia acerca de Kierkegaard) até os seus últimos textos (*Dialética negativa* e *Teoria estética*). Pode-se dizer, porém, que a primeira vez que este conceito aparece com algum destaque é no artigo de 1938, “Sobre o caráter fetichista na música e a regressão da audição”⁴⁵, o qual foi publicado no sétimo número da revista do Instituto de Pesquisas Sociais (*Zeitschrift für Sozialforschung*).

Em linhas gerais, o artigo defende a tese de que está havendo uma regressão na capacidade de audição das músicas, mais precisamente: que o ouvinte atual se comporta diante da música ouvida de forma desconcentrada e não reflexiva, de tal forma que ele “se converte em simples comprador e consumidor passivo” (ADORNO, 1975, p. 176)⁴⁶. Esta regressão ocorre por uma série de fatores: há uma tendência nos ouvintes à veneração dos momentos particulares das obras, o que faz com que percam a capacidade de pensar no todo, no encadeamento geral; a mesma atenção é dedicada a elementos da execução, como a voz do cantor ou o solo virtuosístico do violino, mas não a composição ou montagem destes diversos elementos; dá-se demasiado destaque à qualidade dos instrumentos, sobretudo ao fato de serem ou não das marcas consagradas, assim como a execução tecnicamente perfeita, em desdém da qualidade musical propriamente dita (isto é, da interpretação da obra para além da correta execução técnica).

Na análise do filósofo frankfurtiano, em toda esta série de fatores há fetichismo. Neste caso, claramente, o termo é usado segundo a acepção freudiana, embora de forma não literal, ou melhor, o conceito de fetichismo é usado na música em analogia ao uso no campo sexual tão bem analisado por Freud. Assim como o amante fetichista se fixa num determinado detalhe (os pés, os sapatos etc.), o qual é para ele a fonte do prazer, o ouvinte fetichista se detém num elemento (um trecho da música, a voz do cantor, o virtuose em

⁴⁵ A tradução brasileira, de Luiz João Baraúna, optou por abreviar o título: “O Fetichismo na música e a regressão da audição”.

⁴⁶ Safatle corretamente observa que “não se trata exatamente de *um* diagnóstico, mas de *um triplo* diagnóstico que diz respeito aos modos de audição, à estrutura formal das obras e à função social da música no capitalismo tardio” (SAFATLE, 2007, p. 376). No entanto, o que interessa aqui é apenas o primeiro aspecto, relativo aos modos de audição, uma vez que o fetichismo aparece apenas neste âmbito. Para uma discussão mais aprofundada das teses de Adorno levantadas em “O Caráter fetichista da música e a regressão da audição”, assim como para uma discussão do que seria o modo de audição correto de acordo com o filósofo frankfurtiano, cf. SAFATLE, 2007.

determinado instrumento, o próprio instrumento) e isto se converte no único foco de interesse e atenção⁴⁷. Em ambos os casos, o fetichista é aquele que ignora a totalidade por venerar o detalhe, uma adoração que sequer leva em conta as conexões do detalhe ao todo do qual faz parte. A analogia, no entanto, para aí: segundo Freud, o amante fetichista venera o detalhe uma vez que, para ele, este é o substituto de algo que foi procurado e não encontrado, o pênis no corpo feminino, ao passo que o ouvinte fetichista, tal como analisado por Adorno, não tem a necessidade de suprir a falta de algo.

No entanto, tal explicação não dá conta de todos os usos do conceito no artigo agora analisado. Além de falar de “fetichismo musical” e “caráter fetichista da música”, Adorno também fala do “caráter fetichista da mercadoria”. Aliás, Adorno menciona diretamente o autor de *O Capital*: “Marx descreve o caráter fetichista da mercadoria como a veneração do que é autofabricado, o qual, por sua vez, na qualidade de valor de troca se aliena tanto do produtor como do consumidor, ou seja, do ‘homem’” (ADORNO, 1975, p. 180). Como explicação do que é o caráter fetichista da mercadoria para Marx esta passagem é claramente problemática e insuficiente; segundo ela, fetichista é a veneração do que é autofabricado, daquilo que se encontra alienado do homem, e não a existência dupla das coisas que portam valor ou a objetivação das relações sociais. Interessante, no entanto, é a passagem na qual Adorno vincula o fetichismo da música ao seu caráter de mercadoria:

Se a mercadoria se compõe sempre do valor de troca e do valor de uso, o mero valor de uso – aparência ilusória, que os bens da cultura devem conservar, na sociedade capitalista – é substituído pelo mero valor de troca, o qual, precisamente enquanto valor de troca, assume ficticiamente a função do valor de uso. É nesse quiproquó específico que consiste o específico caráter fetichista da música. (ADORNO, 1975, p. 181)

Em tal passagem o fetichismo não é mais caracterizado pela veneração do detalhe, mas, justamente, pela substituição. Fetichista é aquele cujo prazer advém do valor de troca e não do valor de uso⁴⁸. É aquele que aplaude o ingresso e não o concerto, aquele que gosta do que assiste na exata medida do

⁴⁷ Ou, como afirma Safatle: “Tal como o fetichista, que destrói de maneira metonímica a mulher para poder gozar dos traços isolados de seu corpo, o ouvinte moderno se encontraria em uma posição de gozo fascinado por momentos parciais, o que o desobrigaria de reconstruir a totalidade” (SAFATLE, 2007, p. 378).

⁴⁸ Mioyasaki afirma que: “De acordo com Adorno, fetichismo da mercadoria é o consumo do valor de troca sob a aparência de valor de uso” (Cf. 2002, p. 431).

que lhe custou. O curioso neste emprego do termo é que ele mescla elementos freudianos a um contexto marxiano. Mais precisamente: o termo segue sendo usado com uma acepção análoga à de Freud, embora não igual ao primeiro caso (a veneração do detalhe, pois agora o conceito se refere ao gozo com um substituto), mas dentro de um contexto claramente marxiano, na própria distinção da natureza dupla da mercadoria, o fato de ela ser, por um lado, valor de uso, e, por outro, valor de troca (e mais: pela primazia que o valor de troca passa a ter ao longo do desenvolvimento do capitalismo).

Neste segundo sentido pode-se dizer, como o faz Mioyasaki (Cf. 2002)⁴⁹, que Adorno faz uma confusão com as teorias de Marx e Freud acerca do fetichismo. Confusão no sentido de que, ao analisar as transformações no campo cultural oriundas precisamente da submissão da lógica própria a esse campo ao imperativo do lucro – algo em momento algum visado nem por Marx, nem por Freud –, Adorno recupera e mescla elementos das teorias dos dois autores supramencionados, criando novas acepções para o termo, por extensão do sentido freudiano, mas sem perceber nem a novidade de sua própria abordagem nem, sobretudo, as diferenças no uso deste termo por Marx e por Freud. Esta confusão fica ainda mais clara em uma carta escrita por Adorno para Benjamin na qual, após falar que “nossas ideias a respeito” do fetichismo “se correspondem estreitamente”, Adorno acrescenta:

Defendi contra Fromm e sobretudo Reich a concepção de que a verdadeira “mediação” entre sociedade e psicologia se encontra não na família, mas no caráter mercadoria e no fetiche, de que o fetichismo é o verdadeiro correlato da reificação. Aliás, nisso você se acha, talvez sem se dar conta, na mais profunda concordância com Freud; há muito que se pensar nesse sentido. (ADORNO, 2012, p. 162)

A menção a Freud dentro de um contexto marcado por alguns dos conceitos fundamentais da crítica marxiana da economia política (mercadoria,

⁴⁹ Mioyasaki analisa e compara o emprego do conceito de fetichismo no artigo “A Obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” de Walter Benjamin e no ensaio “Sobre o caráter fetichista da música e a regressão da audição” de Theodor W. Adorno. Sua conclusão é de que em ambos há esta confusão entre a teoria marxiana e a teoria freudiana acerca do fetichismo (Cf. MIOYASAKI, 2002). Minha análise difere da dele, no que toca ao ensaio de Adorno, apenas por constatar que há dois sentidos distintos em questão: o da veneração do detalhe (emprego análogo ao de Freud) e o de substituição (emprego análogo ao de Freud em um contexto marxiano). Não discutirei aqui, no entanto, a compreensão e o uso do termo “fetichismo” na obra de Walter Benjamin.

fetichismo, reificação) é reveladora. Permite, por sinal, levantar a hipótese de que Adorno interpretou o conceito de “fetichismo da mercadoria” de Marx a partir de um conhecimento prévio do emprego de “fetichismo” na obra freudiana; e mais, de que ele projetou aspectos do segundo sobre o primeiro. Assim, o conceito de fetichismo em Marx foi visto por Adorno como algo mais próximo ao uso psicanalítico do que propriamente ao uso original, ligado às descrições dos cultos totêmicos. No entanto, como defenderei a seguir, o emprego que Adorno faz deste termo é diacrônico, isto é, ele se modifica paulatinamente ao longo do desenvolvimento de sua teoria, de modo que estes dois sentidos aqui analisados vão perdendo espaço para uma nova acepção: a da conversão de meios em fins.

III. De meios que se tornam fins

Os dois sentidos em que o termo “fetichismo” é empregado no artigo de 1938, no entanto, vão paulatinamente perdendo espaço na obra adorniana. Ao mesmo tempo, o conceito passa a ser empregado em uma nova acepção, relativa à autonomização dos meios frente aos fins a que originalmente serviam. Esta transformação expande ainda mais a variedade de objetos aos quais é atribuído o adjetivo fetichista, de modo que, nas obras sucessivas, Adorno falará, na *Minima moralia*, em fetichismo da razão, fetichismo da cultura e fetichismo da mercadoria; na *Dialética negativa*, em fetichismo do conceito, fetichismo do processo de produção e das forças produtivas, e na *Teoria estética*, por fim, em fetichismo dos meios, fetichismo da natureza e fetichismo da obra de arte.

Apesar de o argumento aqui defendido ser que em todos estes casos se utiliza o termo fetichismo de forma unívoca, sugiro analisar as aparições dele conforme o contexto, isto é, se o conceito aparece em uma crítica à racionalidade predominante (caso do fetichismo da razão e do fetichismo do conceito), em uma crítica ao capitalismo (fetichismo da mercadoria, fetichismo das forças produtivas e fetichismo do processo de produção) ou, ainda, na análise da função social da arte e da cultura nas sociedades contemporâneas (fetichismo da obra de arte e fetichismo da cultura).

1. Fetichismo na crítica à racionalidade prevalecente

A crítica à forma de racionalidade predominante na modernidade é certamente um dos tópicos centrais da obra adorniana, e analisá-la em pormenores requer um espaço maior do que aquele que pode aqui ser

concedido. No entanto, cabe destacar algumas linhas gerais de tal crítica a partir do exame de um pequeno trecho do aforismo número 79 da *Minima moralia*, intitulado “Sacrifício do intelecto”: “Assim como desaparece o propósito da razão sob o primado solto do processo produtivo até reduzi-la ao fetichismo de si própria e do poder imposto de fora, assim também ela ao mesmo tempo retroage à condição de instrumento e se adapta aos seus funcionários, cujo aparato de pensamento apenas serve para impedir o pensamento” (ADORNO, 2008, p. 119). Diversas afirmações são feitas nestas poucas linhas. Em primeiro lugar, Adorno diz que há uma desaparecimento do propósito da razão; em segundo, que a razão é reduzida ao fetichismo de si própria; em terceiro, que com isso ela se torna um mero instrumento adaptado aos seus funcionários, por fim, que com isso ela acaba por impedir o pensamento. O restante do aforismo é esclarecedor: nele, Adorno argumenta que o pensamento não se beneficia (pelo contrário, ele se embrutece) com o declínio das emoções; que o pensamento que supera o impulso ou o desejo que o impele não cria conhecimento, ele degenera em tolice.

O propósito desaparecido, portanto, é o desejo que impele ao pensamento, e alhures o filósofo frankfurtiano diz que o propósito da racionalidade como tal é a conservação da humanidade, a organização racional da sociedade (Cf. ADORNO, 2003b, p. 775). Na medida em que a razão se esquece deste propósito, em que deixa de estar guiada por ele, ela se autonomiza enquanto momento e se absolutiza, ou seja, se fetichiza, se converte em seu próprio fim. Mas tal fetichismo faz com que a razão se torne num mero instrumento, um instrumento que, ao invés de propiciar o pensamento, impede-o na medida em que abole todo propósito exterior. Todo pensamento que não se conforma às regras de “neutralidade” e “desinteresse” passa a ser mal visto e mal quisto pela sociedade, e a razão autonomizada deixa de ser uma instância crítica que impele a uma organização social racional para se tornar um aparato legitimador do existente na medida em que impede o questionamento deste.

A discussão sobre o fetichismo do conceito é bastante similar a do fetichismo da razão recém analisada. Ela aparece, sobretudo, na seção “Desencantamento do conceito” da Introdução da *Dialética negativa*, seção na qual Adorno discute a função do conceito na teoria. Ele afirma:

Em sua universalidade formal, porém, o argumento toma o conceito de modo tão fetichista quanto esse conceito se expõe ingenuamente no interior de seu domínio, como uma totalidade autossuficiente em relação à qual o pensamento filosófico não

pode nada. Em verdade, todos os conceitos, mesmo os filosóficos, apontam para um elemento não-conceitual porque eles são, por sua parte, momentos da realidade que impele à sua formação – primariamente com o propósito de dominação da natureza. (ADORNO, 2009, p. 18).

Tomar o conceito de modo fetichista significa, claramente, conceder primazia a ele no conhecimento, ou melhor, lidar com ele como se fosse algo autônomo e independente dos objetos aos quais se refere. Significa, portanto, considerá-lo algo autossuficiente e não apenas um momento no conhecimento. “Que o conceito seja conceito, mesmo quando trata do ente, não altera nada quanto ao fato de estar por sua vez entrelaçado em um todo não-conceitual do qual só se isola por meio de sua reificação, da reificação que certamente o institui enquanto conceito. Na lógica dialética, o conceito é um momento como outro qualquer” (ADORNO, 2009, p. 19). Não se trata, de modo algum, de tentar pensar sem conceitos, pois estes são inelimináveis. O que não se pode é se contentar com o conceito, com a identificação do objeto, como se este momento fosse o próprio objetivo do conhecimento. Conhecer é mais do que identificar, e a dialética negativa é justamente um projeto de “ir além do conceito por meio do conceito” (ADORNO, 2009, p. 22).

Nestes dois casos, o fetichismo da razão e o fetichismo do conceito, trata-se de uma crítica à satisfação obtida com um meio, com um momento, em vez de se obter o contentamento com o objetivo original. A razão era um instrumento para a autoconservação e para se atingir uma organização social racional, mas tornou-se algo independente destas finalidades. O conceito era um momento para se chegar ao conhecimento de algo, o momento da identificação, mas este momento foi absolutizado como se fosse ele mesmo o próprio conhecer. O uso do termo fetichismo denota, assim, o processo de tomar a parte pelo todo ou a transformação do meio em fim. Tal acepção é próxima ao uso anteriormente mencionado de veneração do detalhe, e, por conseguinte, contíguo ao uso freudiano. Porém, é crucial notar que, agora, o que está em questão não o esquecimento da totalidade pela atenção ao detalhe, mas sim a substituição da finalidade pelo meio de se chegar até ela.

2. Fetichismo na crítica ao capitalismo

Pode-se dizer que o mesmo ocorre no emprego do termo fetichismo vinculado ao contexto da crítica do capitalismo. Neste caso, é exemplar a seguinte passagem da *Dialética negativa*:

Em *O Capital*, deparamo-nos com a seguinte passagem: “Enquanto fanático da exploração do valor, ele [o valor de troca] impõe sem escrúpulos à humanidade a produção pela produção”. Essa frase se volta contra a fetichização do processo de produção na sociedade de troca; para além disso, porém, ela ataca o tabu hoje universal que interdita toda dúvida em relação à produção como finalidade de si mesma. (ADORNO, 2009, p. 255-6).

A acepção do termo fetichismo neste trecho é clara: fetichista é a produção que é feita como se fosse um fim em si mesma, a produção pela produção. Não fetichista, por conseguinte, seria a produção feita apenas como um meio para se obter o necessário para a satisfação de desejos. O capitalismo aparece como o modo de produção intrinsecamente fetichista na medida em que necessariamente implica a autonomização do processo produtivo uma vez que tem por meta a obtenção de cada vez mais valor⁵⁰.

É importante notar que neste trecho Adorno usa o termo fetichismo em uma passagem que se refere explicitamente a Marx, mas o usa com uma acepção que não a dele. Isto reforça a hipótese anteriormente mencionada de que o pensador frankfurtiano interpreta o conceito de fetichismo da mercadoria na obra de Marx a partir de uma abordagem próxima à freudiana. Assim, o fetichismo, mesmo quando referido a Marx, aparece mais no sentido de veneração (mais especificamente, no caso da mercadoria, de veneração do valor de troca, e não do usufruto do valor de uso), do que de dupla existência, sensível e suprassensível concomitantemente, típica dos objetos que portam valor (a mercadoria, o dinheiro e o capital).

3. Fetichismo na arte

Mas é na *Teoria estética*, e, por conseguinte, na discussão relativa à arte moderna, que Adorno mais utiliza o termo fetichismo e mais pistas dá para a sua decifração. Precaução, contudo, torna-se ainda mais necessária, pois se o termo é usado sempre com sentido pejorativo no restante da obra adorniana, nesta obra o fetichismo será justamente uma característica das

⁵⁰ A crítica ao fetichismo da produção é o cerne, por assim dizer, do anticapitalismo adorniano. Embora ele não rejeite em nenhum momento a teoria da exploração e da mais-valia, ele parece dar menos importância a estas uma vez que a situação dos trabalhadores havia melhorado substancialmente e que a classe proletária deixara de se opor frontalmente ao sistema capitalista, passando a estar integrada nele. Quanto a isto, cf. Adorno, “Capitalismo tardio ou sociedade industrial?” (ADORNO, 2003c, p. 354-370).

obras de arte autênticas. E isto sem romper com o significado que aqui é proposto: o de meios que se tornam fins.

Se, de acordo com seu modelo, o caráter fetichista da mercadoria, o novo se torna um fetiche, isto deve ser criticado no próprio trabalho, não de forma externa simplesmente porque se tornou um fetiche; usualmente o problema é a discrepância entre novos meios e velhos fins. (...) Fetichização expressa o paradoxo de toda arte que não é mais autoevidente para si: o paradoxo de que algo feito existe para seu próprio bem; precisamente este paradoxo é o nervo vital da nova arte (ADORNO, 2003, p. 41).

Esta citação confirma a interpretação aqui proposta: o fetichismo é identificado como a discrepância entre meios e fins, e ainda acrescenta que o processo de fetichização é aquele pelo qual algo feito se torna uma finalidade, seu próprio bem. Mas este processo de inversão (o qual faz com que meios se tornem fins) que é daninho no âmbito da racionalidade e da produção não o é no terreno das artes. E isto por uma sutileza que não pode passar despercebida pelo intérprete: segundo o frankfurtiano, a arte, ao contrário da produção e da racionalidade, é algo que não deve visar a nada exterior, é algo que deve se autonomizar em relação às metas que não lhe são intrínsecas.

Tal fetichização é benéfica porque só a arte autônoma é capaz de criticar a racionalidade e a produção fetichista. “A arte se rebela precisamente contra esta forma de racionalidade, a qual, na relação de meios e fins, esquece os fins e fetichiza os meios como um fim em si mesmo” (ADORNO, 2003, p. 71). Isto é, apenas a arte fetichista – por assim dizer, a *art pour l'art*, a arte que não é feita visando qualquer meta exterior (seja esta comercial, educativa, política etc.) – é capaz de criticar esta racionalidade e esta produção cuja característica é este mesmo fetichismo, esta mesma autonomização frente a qualquer finalidade externa.

O teor de verdade das obras de arte, que também é sua verdade social, tem por condição o caráter fetichista delas. O princípio do ser-para-outro, aparentemente a contraparte do fetichismo, é o da troca, e nele a dominação é camuflada. Do que não é dominado apenas fica aquilo que não se conforma a este princípio, pelo valor de uso atrofiado, o inútil. As obras de arte são lugares-tenentes das coisas que não foram distorcidas pela troca, pelo

lucro e pelas falsas necessidades de uma humanidade danificada (ADORNO, 2003, p. 337).

Desta forma, o fetichismo da obra de arte está diretamente relacionado ao seu teor de verdade uma vez que justamente por causa dele a arte autêntica se preserva da instrumentalidade quase onipresente⁵¹. No momento em que o princípio da troca, o qual faz com que tudo se torne valioso apenas na medida em que é instrumentalizado, em que é tornado um meio para se atingir outra coisa, torna-se ubíquo, e isto ocorre precisamente por causa do fetichismo da produção e da racionalidade, é o fetichismo da arte que salvaguarda a possibilidade de uma relação distinta com as coisas, uma relação não pautada por tal instrumentalidade⁵².

IV. Conclusão

Defendi, no presente artigo, a tese de que o conceito de fetichismo é usado por Adorno com distintos sentidos em diferentes momentos. Isto é, que tal termo é usado de forma polissêmica e que esta polissemia se dá diacronicamente. Mais especificamente: que Adorno utiliza, em seu artigo “O Caráter fetichista da música e a regressão da audição”, de 1938, o conceito de fetichismo tanto para designar a veneração do detalhe em detrimento da percepção da totalidade da qual este faz parte quanto para denotar o processo pelo qual o valor de troca substitui o valor de uso como a fonte do prazer obtido com a mercadoria. Afirmo ainda que em ambos os casos o emprego de tal termo é feito por analogia à acepção psicanalítica, seja pela redução do todo a uma parte, o que ocorre no primeiro caso, seja pelo enfoque na substituição, o que acontece no segundo.

Nas obras sucessivas, no entanto, Adorno deixa de usar o conceito de fetichismo nestes dois sentidos bastante determinados para passar a designar, com ele, o processo de autonomização dos meios em relação aos fins. Assim, por exemplo, fetichista é a razão que deixa de estar

⁵¹ Em outro momento Adorno afirma mesmo que: “a qualidade das obras de arte depende essencialmente do grau de seu fetichismo, da veneração que o processo de produção professa ao feito por si mesmo, a seriedade com que esquece o prazer” (ADORNO, 2003, p. 506).

⁵² Alhures Adorno também afirma que “apesar de sua falta de liberdade, a teoria é o lugar-tenente da liberdade em meio à falta de liberdade” (ADORNO, 2003b, p. 763). E trata-se então justamente da teoria autônoma, que não tem por critério o fato de estar diretamente subordinada à práxis. Destarte, as obras de arte autênticas não são, de acordo com o frankfurtiano, os únicos vestígios do que sobrou de uma relação não instrumental com o mundo, pois ao menos a teoria autônoma também faz companhia a elas.

subordinada à busca pela autoconservação e pela felicidade e passa a ser algo perseguido por seu próprio bem, como finalidade em si. Igualmente, fetichista é a produção que não é mais subordinada à satisfação das necessidades, a produção que é feita por si mesma e valorizada positivamente mesmo que não sirva para nada além do mero crescimento produtivo. Fetichista ainda é a arte que deixa de servir como objeto de culto ou louvor, ou mesmo como meio de autorrepresentação, de formação ou engajamento, para ser feita como se fosse sua própria finalidade, como se fosse ela mesma a meta e não o instrumento para chegar até ela.

Não obstante, nos dois primeiros casos recém referidos (o fetichismo da razão e o fetichismo da produção), o fetichismo é um processo pernicioso, um processo que cria a opacidade que impede os homens de se relacionarem de forma consciente e racional, um processo que torna eles em meras engrenagens de um mecanismo que não controlam, que, pelo contrário, os controla. Mas a inversão indicada pelo fetichismo é de mão dupla: não apenas os meios se convertem em finalidades, mas coisas que seriam finalidades se convertem elas próprias em meros instrumentos. Assim, a própria vida passa a servir para o trabalho e para o consumo, criando-se uma espécie de instrumentalização ubíqua: com a disseminação do princípio de troca tudo passa a ser não só substituível e permutável, mas também um simples meio para se atingir outras coisas. Contra este estado de coisas se insurge o fetichismo da arte, uma vez que a arte fetichista, a arte feita por ela mesma, é, ao menos aos olhos do frankfurtiano, o lugar-tenente daquilo que não foi danificado pelo fetichismo da razão e da produção, e por conseguinte, é o espaço do jogo, das atividades feitas apenas e tão somente pelo prazer advindo delas mesmas.

Referências

- ADORNO, T. W. “O Fetichismo na música e a regressão da audição”. In: BENJAMIN, W., ADORNO, T., HORKHEIMER, M., HABERMAS, J. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- _____. *Ästhetische Theorie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2003.
- _____. “Marginalien zu Theorie und Praxis”. In: ADORNO, T. W. *Kulturkritik und Gesellschaft*. Band II. Digitale Bibliothek Band 97, 2003b.
- _____. “Spätkapitalismus oder Industriegesellschaft?”. In: ADORNO, T. W. *Soziologische Schriften I*. Digitale Bibliothek Band 97, 2003c.
- _____. *Minima moralia*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.
- _____. *Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

- _____. “Carta 33”. In: ADORNO, T.; BENJAMIN, W. *Correspondência, 1928-1940*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- ARTOUS, A. *Le fétichisme chez Marx*. Paris: Éditions Syllepse, 2006.
- FLECK, A. “O Conceito de fetichismo na obra marxiana: uma tentativa de interpretação”. In: *Ethic@*, vol. 11, n. 1, p. 141-158, 2012.
- FREUD, S. “O Fetichismo”. In: *Obras completas*, vol. 17, p. 302-310. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- _____. “Tres ensayos de teoría sexual”. In: *Obras completas*, vol. 7, p. 109-224. Buenos Aires: Amarrortu, 1998.
- IACONO, A. *Le Fétichisme: Histoire d’un concept*. Paris: P.U.F., 1992.
- JAPPE, A. “Alienação, reificação e fetichismo da mercadoria”. In: *Limiar*, vol. 1, n. 2, p. 1-16, 2014.
- MARX, K. *O Capital*. Livro III. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- _____. *O Capital*. Livro I. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- MIOYASAKI, D. “The Confusion of Marxian and Freudian Fetishism in Adorno and Benjamin”. In: *Philosophy Today*, p. 429-443, 2002.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SAFATLE, V. “Fetichismo e mimesis na filosofia da música de Adorno”. *Discurso*, n. 37, p. 365-406, 2007.
- _____. *Fetichismo: colonizar o outro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- ŽIŽEK, S. “Como Marx inventou o sintoma”. In: ŽIŽEK, S. *O Mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Email: amarofleck@hotmail.com

Recebido: 11/06/2015

Aprovado: 23/12/2015